

Setúbal e a habitação no pré-25 de Abril

Um estudo de características únicas no concelho, produzido pela Câmara Municipal sob o título “Inquérito às barracas”, mostra a realidade social e habitacional concelhia vivida pelas populações na década de 60 do século passado, assinalando-se com a disponibilização desta publicação igualmente a entrada em funcionamento pleno do sítio do Arquivo na internet

O estudo em destaque, cujo ponto de partida assenta nos elementos constantes dos censos realizados no ano de 1960, refere que no concelho estão registados nesta altura 44.435 habitantes, e que após um período de estagnação socioeconómica de algum modo atribuível à acentuada quebra da indústria conserveira que até então vigorava como um dos grandes motores de desenvolvimento local, procurava agora afirmar-se através da implementação de novas indústrias ligadas maioritariamente à produção fabril, mas também ao comércio e aos serviços.

Mercê da dificuldade no acesso à habitação que caracteriza muito largamente a população setubalense, cujos salários se constituem como uma barreira muito dificilmente ultrapassável quer no arrendamento de habitação com condições de salubridade, equipadas com acesso a água corrente e ligadas à rede de esgotos, quer essencialmente na compra de casa própria, remete uma enorme parte da população a viver em barracas que se espalhavam por toda a cidade sadina. Isto apesar de se registar um grande incremento na construção de habitação e alargando-se assim continuamente as zonas urbanizadas.

Os conjuntos de barracas, localmente conhecidos como “bairros da folha”, aponta o estudo, constituem-se como *“uma chaga viva no corpo físico e moral da cidade”*, revelando-se igualmente *“a falência de uma política que tão grandes benefícios tem trazido à Nação”*, o que se comprova pela existência de um extenso conjunto de 2.254 barracas na cidade e do qual foram efetuados estudos aprofundados a 12% do conjunto, durante a década de 60, incidindo-se sobre questões de salubridade, o número médio de habitantes em cada uma delas, o espaço que cabia a cada indivíduo, extremamente exíguo, entre outros indicadores tais como os respeitantes à salubridade pois não estando ligadas as barracas ao saneamento era prática corrente atirar-se o lixo e os dejetos diretamente para a rua, provocando-se assim um incremento generalizado de doenças infetocontagiosas.

Este estudo, com o código de referência PT/AMSTB/CMSTB/O-B/0001/00001, a par das fotografias das barracas e das populações lá residentes, encontram-se disponíveis para consulta na renovada página do Arquivo Municipal, tendo parte destas fontes documentais sido utilizadas na conceção do livro “Outro Mundo no Mesmo Lugar”, da autoria de Vanessa Iglésias Amorim (antropóloga), Jaime Pinho e Alberto Lopes (professores de História) e Lia Antunes (arquiteta), cujo lançamento decorreu no dia 21, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Setúbal, apontando-se nesta obra que no período observado, nas décadas de 60 e 70 do século passado, 25% da população setubalense cidadina vivia em barracas.